

## NOME DO ARTISTA

---

### VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI

#### POR AGNALDO FARIAS

Pela manhã, tão logo nos levantamos, é inevitável, mas em algum momento logo adiante acabamos frente ao nosso rosto refletido na superfície do espelho do banheiro. Espreguiçamo-nos para em seguida nos aproximarmos e melhor conferir, ainda que mecanicamente, como anda nossa aparência, verificar o estado dos cabelos desfeitos, os olhos e a pele baços, a coloração dos dentes, enfim o que sobrou após o regresso da noite. Tão caseiro e doméstico, o espelho repõe logo ali, a poucos metros da cama, como coisa se fosse algo trivial, o enigma da nossa existência. Devolve-nos, certifica-nos que somos reais, que de fato existimos. Daí o motivo pelo qual sentimo-nos irresistivelmente atraídos por ele, porque através do espelho conhecemos o espanto renovado da nossa presença refletida. Confirmamos se continua por aqui aquele mesmo que ontem se viu em horário e pose semelhantes, ou se temos agora a irrupção de uma novidade: marca, mancha, erupção, ruga, outra prova qualquer de que algo segue dentro de nós minando- nos suave e implacavelmente. Algo que não notamos até que, finalmente, no decorrer da trôpega, desajeitada coreografia entre bocejos, que são esses afastamentos e aproximações sucessivas pela qual despertamos nossa atenção, notamos. Sim, definitivamente, para nossa surpresa, alguma coisa se passa, alguma coisa se passou: isso que agora vai pela nossa cara ainda ontem, podemos garantir, não estava por aqui, e como é que foi - meu Deus! -, que sortilégios são esses que a cada manhã em que nós nos permitimos ou dispomos do tempo necessário para essa tarefa, em que não estamos premidos pelos dois bracinhos desesperados do relógio, produzem outras versões ligeiramente diversas de nós mesmos.

A cada dia conhecemos um novo eu, cada um de nós formando uma fila infinita, que não lembramos quem a puxava quando tudo começou, salvo pelo testemunho de terceiros, ou de antigas fotografias, e que não sabemos quando e como terminará.

Face a face, o espelho revela-se um poderoso instrumento de ampliação. Pomo-nos diante de nós e, atraídos por essa visão do incompreensível, vamos colando nossos rostos à pele do espelho, fazendo desaparecer momentaneamente todo o ambiente circundante. Somos, graças a demanda pelo escrutínio feita por esse peculiar aparelho liso e sem vida interior, apenas olho e detalhe. A visão de si é poderosa, de manhã somos todos Narcisos e acende em nós o desejo da perscrutação do que nos vai dentro. Projeto frustrado: o espelho só nos leva até o limiar. Até o poro da pele. À superfície limítrofe de um território que não se chega a entrever embora se saiba da existência. Logo depois, imediatamente depois, um abismo ao fundo do qual palpitam nossas entranhas, nossos segredos e vivências para sempre incompreensíveis quando não simplesmente esquecidos.

Passadas as considerações iniciais, prosseguimos na contemplação inócua da nossa imagem enquanto escovamos os dentes, e nela avançamos com alteração de ânimo gradativa. Menos interessados na contemplação dos detalhes, salvo pela necessidade imperativa da supressão ou escamoteamento daqueles mais perturbadores e mais à vista, as meticulosas operações de maquiagem – a reconquista da lisura e do brilho da pele pela sobreposição cremes e pós -, ou mesmo no trato apurado de um aspecto qualquer – olho, cabelo, boca - a ser favorecido pela sua capacidade em atrair a atenção dos outros. Cada vez mais distantes do nosso rosto, vamos, a medida em que nos vestimos, cuidando em cotejar nossa aparência à distância, esta seguramente mais próxima da de ontem, até que, completadas todas as etapas, despedimo-nos de nós diante do espelho oferecendo uma imagem de corpo inteiro. Depois só nos resta despacharmo-nos rumo ao enfrentamento da flama do dia. Fechamos a porta de casa deixando momentaneamente inativos – vai saber se eles assim ficarão – todos os espelhos.

Refletindo nosso rosto ou mesmo uma fração do ambiente em que está colocado que é o que acontece quando o miramos obliquamente, o espelho, assim como uma pintura ou um desenho, esses dois outros objetos portadores de imagens feitas para serem contempladas, revela-se como uma passagem. Só que enquanto o espelho oferece uma visão daqui

mesmo, a pintura ou o desenho, no geral, oferece uma visão de um outro lugar. Um lá qualquer. Às vezes reconhecível, às vezes não: às vezes um território onde assistimos o diálogo tenso ou tranquilo, não importa, de cores e formas. Também diante desses objetos, contemplando os limites do habitual quadrilátero que usualmente os perfazem, estilhaça-se a parede em que estão fixados, arrebenta-se sua monotonia plana e opaca parede, para abrir-se um insuspeitado abismo no mundo.

A presente exposição de Ricardo Becker especula sobre espelhos e defende suas indissociáveis relações com pinturas e desenhos. Discute-os como possíveis frestas, passagens que oferecem a possibilidade de um salto no improvável. Neste sentido o artista escapa da tentação de ser mais um a nos oferecer imagens. Em lugar disso, prefere pensá-las. Para tanto tirou partido do próprio espaço da pequena sala expositiva da galeria onde sua exposição acontece. Com a calculada disposição de suas obras por três de suas paredes, o espaço cúbico da galeria passou a exigir uma aguda atenção de seus visitantes. Converteu-se em algo ativo, impossível de ser ignorado pelos passos de comum displicentes. Vamos a isso:

Logo à entrada, na parede situada à direita, vê-se as laterais largas, algo em torno de 6 centímetros, de uma caixa de madeira clara. Uma moldura? Sim e não. Diante da peça, nota-se que ela, não obstante o vidro de proteção, como aqueles com os quais se tenta impedir a rápida deterioração de desenhos, gravuras ou fotografias, não emoldura nada, salvo a própria parede. Atrás do vidro há, portanto, um outro vidro. Ao mesmo tempo em que a peça, com sua aparência semelhante as das obras de arte bidimensionais, na medida em que não nos apresenta nada, nos frustra, nota-se que há algo mais, um detalhe insólito: as laterais internas do quadro largo de madeira foram inteiramente recobertas por espelhos. Avizinhamo-nos no intuito de flagrar o que esses planos delgados refletem – ah! o amálgama das imagens especulares! -, e deles, por efeito do resultado ótico de se colocar espelhos planos frente a frente, só se retém o rebatimento da parede repetido indefinidamente.

Como se sabe, a moldura foi a estratégia secularmente utilizada para separar a imagem fabricada do resto das coisas do mundo. Dispositivo eficaz na reiteração da arte como uma suspensão, um parêntese no tempo e no espaço cotidianos. Detendo-se sobre esse parêntese, aplicando-lhe espelhos, Becker demonstra-o como a vala na qual podem ser

semeadas todas as infinitas imagens que germinariam nesse reduzido quadrilátero de parede.

Voltando ao espaço da galeria e a parede sobre a qual estava fixada a moldura vazia, nota-se nela uma descontinuidade: uma pequena reentrância empurra-a mais a direita e ela prossegue por pouco metros mais até se encontrar com a parede do fundo. Nessa reentrância, escondida portanto aos olhos daquele que ficar do lado de fora da galeria, um trabalho semelhante embora maior que o primeiro: uma caixa quadrada de 1.65 x 1.65 cm, cuja moldura de madeira clara possui 10 cm. Dentro dela, protegido por um vidro, um grande espelho...quebrado. Paródia de raiz dupla: do espelho e da pintura. Enquanto cumpre o papel de ambos, seja porque reflete a nós e parte do ambiente, seja porque se relaciona com a pintura no que esta tem de janela virtual aberta numa parede que prossegue espessa e opaca, na medida em que se encontra fendido de cima a baixo, o espelho chama a atenção para si mesmo. As fissuras no espelho são o mesmo que as fendas abertas pelos terremotos e que transformam o chão numa armadilha letal. Diz o senso comum que o espelho quebrado provoca sete anos de azar. De fato, deve haver alguma maldição proveniente da quebra desse aparelho de duplicação do mundo.

O espelho traz o duplo de tudo. A única exceção conhecida, como nos ensinam os contos góticos, são os vampiros, que são unos em sua maldade. O espelho achata-nos em plano, transforma-nos em imagem, e o faz com tamanha perfeição que quando nos estamos diante dele pensamos estar diante de nós e não diante da nossa imagem, isto é, de um signo. Sua maior qualidade talvez seja a de efetuar a mais drástica redução na distância entre algo e sua representação, entre uma coisa e sua imagem. Pois apesar disso, não obstante nossa alucinação diária, seguirá havendo um abismo intransponível entre um pólo e outro. E é justamente sobre esses abismos que versam os outros três trabalhos de Becker situados na parede da esquerda, três retângulos de vidro branco leitoso de 1.70 x

80.0 cm, emoldurados por madeira.

A verticalidade dessas três peças alude de imediato à verticalidade daquele que o contempla, muito embora o vidro prefira abandonar alguns de seus invulgares predicados, como sua transparência e sua refletividade, para se apresentar como um campo lácteo, indubitavelmente puro, onde o artista, com gestos cuidadosos, riscou em longos gestos

longitudinais, a representação da distância irremediável que nos separa de tudo inclusive de nós mesmos. A mão que empunha o lápis cai como que vergada pelo próprio peso. Os abismos traçados com linhas fraturadas são o símile das fendas que interrompem a placidez do espelho maior disposto na parede oposta. Interrompem o conhecimento do outro, de nós mesmos, no momento em que ele se anunciava como iminente. Com essa trama de reflexos e imagens, com essa reverberação de signos e comentários sobre seus suportes e suas naturezas, o artista alerta para o fato de que, em que pese as evidências em contrário, nós não estamos ali. Somos tão intangíveis quanto aqueles com quem nos encontramos todas as manhãs, quando paramos a frente do espelho.